

NAS TRILHAS DA EXPERIÊNCIA: A MEMÓRIA, A CRISE E O SABER DO MOVIMENTO POPULAR

Quem acompanha e estuda o movimento de bairros, particularmente no Brasil, não pode deixar de notar as mudanças significativas que vêm ocorrendo, principalmente a partir da década de oitenta. Tornou-se visível que o encanto, a força, a energia demonstrada pelos seus atores sociais, gradativamente foram perdendo o vigor após a democratização do país.

Uma explicação mais consistente para o fenômeno, vem sendo buscada pelos estudiosos do tema e pelos próprios participantes. É dentro deste contexto que se situa a importante contribuição da pesquisa realizada por Kelma Socorro de Lopes Matos, cujos resultados estão consubstanciados na presente obra.

Para dar conta deste objeto tão complexo, instigante e repleto de desafios, a autora elege como categorias básicas a memória, a crise e o saber gestado nesse processo coletivo. Trabalha com três tipos de sujeitos principais: os atores sociais diretamente envolvidos, isto é, as lideranças; os especialistas que estudam a problemática e os técnicos de entidades governamentais, que realizam ações sociais.

Após uma introdução em que se explicitam o problema, as questões metodológicas e os procedimentos adotados, a lógica da exposição desdobrou o conteúdo em cinco partes: a primeira busca, fazendo uso da memória dos próprios atores, resgatar as trilhas da experiência vivenciada pelos sujeitos; a segunda dá conta do estado teórico do objeto investigado; a terceira e a quarta apresentam os resultados da pesquisa acerca da problemática da crise dos movimentos de bairro em Fortaleza; e a quinta nos convida a refletir sobre o saber que se re-

DE KELMA MATOS

Nas trilhas da Experiência: a memória, a crise e o saber do movimento popular. UNIFOR, 1998, 147p.

POR MARIA NOBRE DAMASCENO

Doutora em Educação. Professora da FACED da Universidade Federal do Ceará. Assessora do CNPq.

cria na experiência cotidiana do movimento popular.

As pegadas reconstituídas através da memória propiciaram o resgate das marcas e dos marcos da experiência vivida pelo movimento de bairros, os tempos

de silêncio e de burburinho, mostrando como foi sendo construído o caminho percorrido, as correções necessárias para ajustar o percurso, por fim, apontam as possibilidades de novos rumos para o movimento popular.

A utilização da noção processual de crise permite entendê-la não como expressão de catástrofe, desastre, irracionalidade, e sim como uma fase difícil de ser superada, um período de transição, "entre o que já não é mais e o que está por ser". Algo que desafia, possibilita crescimento, aponta para a necessidade de construir novos caminhos.

Uma das vertentes apontadas no estudo procura explicar a desmobilização do movimento de bairros mostrando que ao se iniciar o processo de democratização, os partidos passaram a ter maior visibilidade, a unidade das esquerdas que lutavam contra a ditadura começa a romper-se, permitindo que cada facção política garanta espaço para expressar o projeto de sociedade julgado mais adequado à realidade do país.

A pesquisadora conclui que realmente o movimento atravessa uma fase crítica, segundo os próprios sujeitos do estudo, esta é oriunda de vários fatores: intervenção acentuada do Estado; desagregação e conflitos internos ao movimento; desencanto com a experiência do espaço regulado; aguçamento da pobreza decorrente de causas estruturais. Este conjunto de razões contribui para a desmobilização, o esvaziamento das reu-

niões e do processo reivindicativo, das passeatas, e o afastamento das assessorias; enfim, a perda de vigor do movimento.

De qualquer modo, o reconhecimento da existência da crise não significa de forma alguma o fim das lutas populares. A investigação constata um movimento de resistência no interior do próprio movimento, que realiza uma caminhada silenciosa “porque não atingiu às organizações de bairro de forma homogênea”. As lideranças apontam as localidades onde começam a estruturar-se experiências diferentes, que podem servir de ponto de partida para a construção de novos rumos ao movimento popular.

A autora adota a perspectiva de Thompson (1981) para realizar a análise da experiência, concretizada na vida cotidiana dos atores investigados, que permite entender sua própria história e também relacioná-la aos aspectos estruturais do sistema, no qual as experiências culturais, os valores, as tradições, as idéias e instituições sociais estão presentes.

É relevante realçar que esta abordagem é fecunda, porque a categoria de experiência constitui um instrumental imprescindível para a compreensão das ações e das formas de expressão cultural dos participantes do movimento popular, enquanto atores sociais e sujeitos produtores de saber. O entendimento de que a vida social não se restringe nem se explica apenas através de uma dimensão social, seja do determinismo econômico, tal reflexão permite situar a experiência dos sujeitos numa perspectiva ampla e diversificada; que tanto recebe influência da cultura automatizada, do mundo

sistêmico, quanto das mais diversas experiências humanas que constroem formas diferenciadas de sobrevivência, de recriação do cotidiano.

Assim, a experiência é decisiva, porque constitui o cerne da vida cotidiana, da prática dos atores sociais, de sua própria ação-reflexão sobre o mundo, possibilitando a criação de novas experiências, de novas interpretações sobre suas vidas, suas práticas, suas lutas e sobre os acontecimentos que os rodeiam.

Neste sentido, é uma “práxis social” (Vasques, 1977) de sujeitos que constroem sua própria história num determinado tempo e espaço, podendo, portanto, intervir e alterar a dinâmica social, produzindo uma “experiência modificada” (Thompson (1981).

Na verdade, a experiência acumulada, possibilita a construção de saberes, que poderão ser utilizados pelo próprio grupo gestor nos seus enfrentamentos cotidianos, ou por outros grupos sociais, que os modificam, reelaboram, em função de sua realidade específica e de seus interesses. Desta óptica, o saber social gestado na prática dos movimentos sociais não se perde, não morre, mesmo quando as ações imediatas do grupo redundam em fracassos, posto que se renova nas práticas criativas mediante a contínua reflexão-ação de homens e mulheres atuando sobre mundo em que vivem.

Com uma adequada compreensão da problemática vivida pelo movimento popular no atual momento histórico, a leitura desta obra é imprescindível a todos que se dedicam a tarefa hercúlea de pensar e realizar a luta política no cotidiano.